



1

REPRESENTAÇÕES DE PRÁTICAS FAMILIARES CAMPONESAS NOS ROMANCES DE MIA COUTO E PAULINA CHIZIANE

Maria do Carmo Ferraz Tedesco
Bolsista DCR UNILAB
carmotedesco@yahoo.com.br

O objetivo desta apresentação é explorar as maneiras como são tratadas as relações pessoais nos romances dos autores indicados e como estas relações estão fortemente marcadas pelas experiências das famílias camponesas. Trata-se de promover uma leitura dos romances com um olhar mais sociológico que literário, buscando averiguar um traço que, não sendo central na trama de tais obras, revela-se marcante componente das relações sociais moçambicanas e da configuração de tramas e personagens. Por outro lado, ao realizar esse exercício creio que estarei contribuindo para aperfeiçoar a avaliação literária das obras ao sistematizar traços de verossimilhança.

A justificativa para um estudo das representações de práticas familiares nos romances tem, no meu ponto de vista, seu fundamento na identificação de similaridades entre situações vividas pelos personagens e algumas práticas centenárias desenvolvidas na zona rural africana, entre comunidades linhageiras, isto é, grupos de pessoas que possuem o mesmo antepassado real e que ocupam uma área chamada território linhageiro.

A literatura sociológica fornece os instrumentos para pensar a permanência de diversas práticas tradicionais as quais, segundo José Negrão em sua obra *Cem Anos de Economia da Família Rural Camponesa*, foram determinantes na sobrevivência das comunidades linhageiras e na preservação e reprodução das populações africanas, apesar das crises e dos sucessivos processos de espoliação a que estiveram sujeitos. Analisando documentos e estudos clássicos da administração portuguesa, além de depoimentos orais colhidos contemporaneamente, Negrão conclui que tal sobrevivência se deve à permanência da terra nas mãos das famílias linhageiras, bem como ao conjunto de práticas culturais tradicionais tais como: manutenção das regras de casamentos, de rituais religiosos, de respeito aos mais velhos, de crenças na feitiçaria e no curandeirismo.



2

Assim, segundo esta reflexão, a importância daquelas práticas como fator de sobrevivência dos grupos explicaria a permanência desses costumes mesmo depois que muitas das circunstâncias de vida das sociedades tenham sido transformadas. Nos romances que serão aqui examinados as representações das práticas culturais familiares aparecem ambientadas em cenários urbanos ou de pequenas vilas, apresentando-se apenas como resíduos ou traços de experiências vivenciadas em outros tempos e contextos. Não deixa, entretanto, de constituir um componente da identidade moçambicana.

Como o exame de todos os romances não poderia ser feito no restrito espaço de um artigo, tomei três famílias que me parecem exemplares. Dos romances de Mia Couto a família dos Malilanes de *Um Rio Chamado Tempo*, *Uma Casa Chamada Terra* e a família de Mwandia, de *O Outro Pé da Sereia*. Do romance de Paulina Chiziane a família poligâmica de Rami, de *Niketche, uma história de poligamia*.

Iniciamos o exame dos romances pela obra *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*, de Mia Couto (2002), que descreve a saga da família/ linhagem, os Malilanes, no momento do enterramento do patriarca Dito Mariano. O narrador é o neto, que tem o mesmo nome do avô, encarregado de proceder às cerimônias funerárias. A trama se desenvolve na ilha Luar do Chão que, tal como o próprio país, acha-se dividida não por nenhuma guerra civil, mas pela manutenção de uma sociedade que não conseguiu reduzir as diferenças existentes no seu interior:

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a ilha. A separá-los apenas um rio [...] Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo sim, mas de duas gentes, duas almas. (p.18).

Na ilha sobrevive ainda uma cultura marcada pela sociabilidade rural a começar pela grande família dos Malilanes, constituída pelo avô Dito Mariano e a avó Dulcineusa, os filhos Fulano Malta (pai de Mariano), Abstinência, Último, tia Admirança (irmã da avó Dulcineusa) e por Mariavilhosa, mãe já falecida de Mariano, além de um médico goês, Amilcar Mascarenhas, e o Padre Nunes, português, que circulam junto ao núcleo familiar de forma bastante próxima e detém importantes informações para o desenvolvimento da trama.



3

Os três irmãos revelam temperamentos completamente diversos: Abstinência, funcionário em repartições coloniais, tinha um “andar empinado mas tropeçado de salamaleques”; o pai de Mariano, Fulano Malta fora “guerrilheiro, revolucionário, oposto à injustiça colonial”, Tio Últmio “muito se dava a exibir, alteado e sonoro, pelas ruas da capital” (p.16). “Nenhum dos irmãos se dava, cada um em individual conformidade” (p.17), entretanto o funeral do patriarca reúne na ilha, lugar de origem, “o lugar primeiro do nosso clã”, toda a família.

A valorização atribuída ao ritual funerário é indicação de um costume que preserva simultaneamente o respeito aos mais velhos, à sua liderança, conhecimento e capacidade de conduzir o grupo familiar, mas também, o reverenciamento por aquele que passa a existir em outra esfera, passa a conviver com outros ancestrais e, como tal, a cuidar e interceder pelos viventes. Como afirma Feliciano, os espíritos interferem de diversas maneiras na vida humana e os curandeiros e feiticeiros tentam intermediar essa relação buscando soluções para os problemas vividos pelos homens.

Os espíritos linhageiros são protectores dos grupos que os têm por referentes de ascendência. Nos casos de não cumprimento de regras de funcionamento da linhagem, podem agredir com doenças, as culturas e outras penalizações, para forçar os indivíduos e os grupos a viver correctamente. (FELICIANO, 1998: 369)

A não realização das cerimônias tradicionais pode trazer conseqüências imprevisíveis à comunidade, no caso de Dito Mariano elas não se realizavam porque o defunto estava “cl clinicamente morto” (p. 36), mas era, ainda, “portador assintomático de vida” (p.37). Enquanto não foram desvendados os mistérios que envolvem a cidade, ameaçando a continuidade de sua existência, a terra manteve-se “fechada”, recusando-se a receber o morto (p.179).

Esta terra começou a morrer no momento em que começamos a querer a ser outros, de existência, de outro lugar. Luar-do-Chão morreu quando os que a governam deixaram de a amar. Mas a terra não morre, nem o rio se suspende. Deixe, o chão voltará a abrir quando eu entrar, sereno, na minha morte. (p.195)

Uma estreita relação entre a observação dos preceitos funerários e a conservação da casa, “chamada terra”, vai sendo construída na narrativa, num contraponto com o desprezo por tais valores expressos pela personagem de tio Últmio:



Porque esse meu tio, sua mulher e seus filhos se guiavam por pressas e cobiças. Queriam muito e depressa. E se sucediam aos colonos: olhavam uma terra e já estavam pensando: quem dera fosse minha. Do que se sabe, porém: a terra não tem posse. Não há dono vivente. Os únicos fiéis proprietários são os mortos, esses que morrem lá. Como o Avô que estava prestes a tomar posse do chão. (p. 168)

Tio Últmio é o principal representante do mundo citadino, “espalhou enganos e parece ter lucrado, acumulando alianças e influências”; exibe um luxuoso automóvel completamente inadequado ao terreno arenoso e sem estrada da ilha (p.28). Envolvido em desmando e corrupção e, até mesmo, no ilícito negócio de drogas, quer transformar a Ilha em um empreendimento turístico, desconsiderando a história e a vida de seus moradores.

Para atingir seus objetivos, não se exime de desmercer as outras “raças”, reclamando aos negros os direitos sobre os benefícios da terra e lançando críticas aos goeses – “Esse indiano eu não confio nesse gajo. Vou mandar vir um médico preto” (p.151). O que explica seu desespero ao saber ter se salvado, na infância, graças a doação de sangue de um branco, história prazerosamente relatada por Abstinêncio e Fulano Malta: “Metade de seu sangue é de branco” (p.215).

No romance *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*, pode-se observar o conflito entre os dois movimentos presentes na sociedade moçambicana: um de aceitação de projetos ocidentalizantes, mesmo que sob uma fachada de valorização do elemento negro e outro de resistência, pela preservação da tradição e costumes como forma de garantir a continuidade da comunidade.

Mariano compreendia o significado da figura do avô como um marco da preservação daquela tradição.

Ter um avô assim era para mim mais que um parentesco. Era um laço de orgulho nas raízes antigas. Ainda que fosse uma romanteação das minhas origens mas eu, deslocado que estou dos meus, necessitava dessa ligação como quem carece de um Deus. (p.44)

Escolhido como mestre de cerimônia no funeral, terá que esclarecer mistérios e tomar muitas decisões para levar a termo o enterro do avô. Neste processo Mariano se defrontará com as ameaças de abandono das tradições e, conseqüentemente, irá se esforçar para preservar a casa, símbolo de continuidade da família. Por meio de misteriosas cartas o avô declara a tarefa do neto: “você tinha que salvar Luar-do-Chão.



5

Sim, faltava-nos um que viesse de fora mas fosse de dentro.” (p.173) Assim, a realização daqueles preceitos vai significar a preservação da casa, isto é, da terra, das tradições e da unidade familiar. Revelados os mistérios a família se reaproxima, com exceção do tio Último, que se mantém irredutível. Num último confronto Mariano deixa clara a completa identidade entre casa, terra, família e cada um dos seus componentes:

Estou a espera do barco. Vou para a cidade.

Vai sair, Tio?

Vou. Mas volto logo para tratar a compra de Nyumba-Kaya.

O Tio não entendeu que não pode comprar a casa velha?

Pois escute bem, eu vou comprar com meu dinheiro. Essa casa vai ser minha.

Essa casa nunca será sua, Tio Último.

Ai não? E porquê, posso saber?

Porque essa casa sou eu mesmo. O senhor vai ter que me comprar a mim para ganhar posse da casa. E para isso, Tio Último, para isso nenhum dinheiro é o bastante. (p.249)

Situação semelhante pode-se observar em outro romance de Mia Couto, *O outro pé da sereia* (2006), que narra a história de Mwadia Malunga que vive isolada, em Anticamente, com o marido, Zero Madzero, pastor de burros e cabras. A rotina de sua vida é quebrada quando ela encontra a imagem de uma Santa e resolve levá-la para Vila Longe, em busca de um local adequado onde se pudesse abrigá-la. A estátua, representando Nossa Senhora da Ajuda (p.51), teria sido trazida, por volta de 1560, pelo jesuíta D. Gonçalo da Silveira, que deixa a cidade de Goa, na Índia, com a intenção de evangelizar o reino do Monomotapa. Desde o primeiro momento ela será confundida com a deusa das águas, Kianda (p.52).

No romance em tela, a viagem de Mwadia fará com que ela retome o contato com sua antiga vila e, nela, com seus familiares. A mãe, dona Constança (p.72), uma das *Donas do Zambeze*, fora casada com muzungo (p.175); Edmundo Marcial Capitani, primeiro pai de Mwadia, soldado do exército colonial português, se declarava descendente dos achikundas (p. 97); o padrasto, o indiano Jesustino (p.71), alfaiate, que abandona o trabalho após a morte da irmã e se torna um alcoólatra; tia Luzmina, irmã do padrasto, beata, tenta fazer a sobrinha estudar com as freiras (p. 83); e o tio Casuarino, empresário que vive em uma cidade distante de Vila Longe. Junto a esta família circulam, de forma muito próxima, alguns moradores como Arcanjo Mistura,



6

barbeiro, fora deportado para lá pela polícia colonial portuguesa: “Acabei ficando natural de Longe” (p.120); Zeca Matambira, antigo *boxeur*, posteriormente chefe da estação dos correios (p. 121); Singério, auxiliar do alfaiate (p. 119).

Mia Couto repete nesta narrativa o conceito de casa como local onde se lança a raiz da família. Mwadia, ao chegar próxima à antiga casa lembra-se das tantas vezes que a mãe, como que possuía por um tipo de alucinação, gritava: “Parem todos! A nossa casa não está no sítio” (p.69), depois disso convocava os familiares para que dessem as mãos e formassem um anel em volta do tamarindeiro. “Agora, fiquem calados e crentes que ela já volta” (p.69). Mwadia se questionava se a mãe realmente acreditava nessas miragens ou era apenas uma estratégia para reafirmar aos filhos os atributos do lar (p. 69).

A figura do tio Casuarino, tipo oportunista e que não poupa nada nem ninguém para tirar algum benefício pessoal, também se repete nesta narrativa. O retorno de Casuarino à vila ocorre para organizar a recepção de um casal de cientistas afro-americanos que visitam a África para investigar a história dos escravos (p. 130). Em uma hilariante Assembléia, realizada nos Correios com os moradores da Vila, Casuarino tenta planejar formas de tirar dinheiro dos estrangeiros. Questionado sobre a idéia de lucrar cobrando pela estadia, alimentação, informação, em desacordo com a tradição de bem receber os visitantes, Casuarino responde:

Eles gostam de pagar.

Ninguém gosta de pagar.

Estes gostam porque sentem-se culpados, está a perceber? Saíram daqui, deixaram a malta a sofrer com o colonialismo e, agora, regressam engratados, cheios de inglesuras, e a gente ainda passando fome. (p. 131)

Para oferecer aos estrangeiros um ambiente bem africano, Casuarino sugere que a sobrinha fingisse ser visitada por espíritos, *os anamadzi*, as almas dos escravos antigos que partiram nas naus para além dos mares.

Os projetos de Casuarino são motivo de inúmeras objeções por parte dos familiares e demais membros da vila. Apesar disto acabam por aceitar participar, mas em diferentes ocasiões desenvolvem argumentos contrários àquilo que o tio queria apresentar e os estrangeiros queriam ouvir, como o caso dos *vagunis* e da escravização promovida pelos próprios africanos (p.149) ou a revelação que o americano era mulato,



7

descendente do escravo Nimi e de uma indiana (Dia) que teria sido levada escrava para o Brasil, mas devido um naufrágio acabou sendo resgatada no Caribe e depois levada para Virgínia; essa revelação gerou uma forte decepção para o americano. (p. 268)

As inúmeras confusões provocadas pelos membros da família e pelos moradores da vila leva Casuarino a recorrer à uma última cartada: o curandeiro Lázaro Vivo, adivinho (*nyanga*) que estava se adaptando aos novos tempos. Se antes tinha “longas e farfalhudas tranças” e uma túnica preta, hoje usava os cabelos curtos, uma blusa desportiva e se apresenta como “*Lázaro Vivo, notável das comunidades locais, curandeiro e elemento de contacto para ONGS*” (p. 21/22). O curandeiro, finalmente, oferece aos americanos o que eles queriam ver. “*A comitiva de Vila Longe levava o norte-americano a uma excursão pela África mais profunda. A palavra de ordem era: Tudo selvagem, nada de modernices.*” (p. 270)

A mais forte correlação entre a família e as tradições, neste romance, fica por conta das questões espirituais, dos contatos entre o mundo dos vivos e o dos antepassados, destacando-se a ambígua atitude de Mwandia, que aceita “receber os espíritos” e representar os tranSES, mas acaba por revelar que sua escolha para o papel não era gratuita. Para a mãe e para família, ela era uma curandeira; para o feiticeiro Lázaro Vivo, responsável por seu batismo, era um espírito *nzuzu*, divindade residente nas águas (p.85 e 273). A narrativa explora essa natureza ambígua de Mwandia, o tempo todo há um jogo entre o que seria representação e o que seria realidade.

Você está mesmo sendo visitada? (...)

Claro que estou, mãe. Não foi isso que combinámos, que eu era visitada pelos muzimos?

Não brinque com coisas sérias. Eu quero a verdade verdadeira.

A mãe não queria, afinal, que eu me entregasse ao chamamento? Não foi isso que sempre quis? (p. 237)

A visita dos muzimos, o trânsito entre a vida terrena e outras esferas de existência se multiplica ao longo de toda a narrativa. À partida, surge a dubiedade da personagem de Zero Madzero: é ele um fugitivo? está vivo ou morto? Esta é a dúvida de dona Constança que, ao ouvir da filha: “Zero está ameaçado por um ngozi, mãe”, responde: “Como pode Zero estar ameaçado se ele próprio é um nagozi?” (p.93). Esta situação se repete na conversa entre Lázaro Vivo, Casuarino e o americano (p. 275) e nos comentários de Zeca Matambira relativos aos boatos da morte de Zero: “vou-lhe



8

dizer um segredo: esta gente aqui, em Vila Longe, é que está morta. Nós somos almas depenadas” (128).

É no grupo familiar que os diálogos sobre a presença dos espíritos se tornam constantes. Estes interferem de diversas maneiras na vida humana e os curandeiros e feiticeiros tentam intermediar essa relação buscando soluções para os problemas vividos pelos homens. É costume a família ter, junto de si, um curandeiro a quem consulta e respeita. Na família de Mwandia, apesar do perfil galhofeiro, oportunista com que Lazaro Vivo é apresentado, o respeito por seus poderes espirituais e a intervenção dele na vida da família revela a importância que efetivamente lhe é atribuída, exemplar é o episódio em que a jovem é levada pelo espírito *nzuzu* e fica por dias sob o rio. (p. 273)

Sem que este seja um aspecto central da narrativa, a presença dessa família, como pano de fundo, confere ao romance *O Outro Pé da Sereia* a articulação entre os elementos fantásticos e as experiências do cotidiano. Na composição da intriga, calcada nas articulações do grupo familiar, podemos apreender normas e comportamentos que favorecem sua continuidade, tais como, procurar entender e coordenar as diferenças, as oposições, as desconfianças, e manter os laços de solidariedade e cooperação entre seus membros. No encerramento do romance, Mia Couto propõe o reencontro de todos os familiares que, apesar de todos os pecados cometidos, continuam tendo o direito de compor a “parede dos ausentes”:

Ergueu-se como que para ganhar precisão e foi caminhando até distinguir as fotografias, uma por uma, expostas nesse paredão de ardósia. Lá estavam o padraсто Jesustino e sua irmã, a beata Luzimina. Lá estavam Zeca Matambira, Chico Casuarino, o barbeiro revolucionário Arcanjo Mistura. Bem no alto, junto à espingarda, posava, garboso, o seu primeiro pai, Edmundo Capitani. No centro, se impunha a figura de Dona Constança, sua velha mãe. (p.330/331)

A galeria familiar possibilita à personagem Mwadia a construção do sentido da sua existência auxiliando-a no caminho que iria tomar:

Ainda hesitou, à saída do quintal como se escolhesse entre que ausentes ela deveria viver. Só depois tomou o caminho do rio (p.331).

Com uma abordagem bastante diversa, a produção de Paulina Chiziane se debruça de forma mais direta sobre as práticas tradicionais da sociedade moçambicana. A descrição em detalhes de inúmeros rituais sociais busca, no meu ponto de vista, denunciar a ambigüidade que cercou o recente processo de modernização,



9

especialmente no período pós-independência quando se tentou ignorar diversas práticas tradicionais, consideradas obscurantistas.

Nos romances de Paulina Chiziane, a mais expressiva representação da família tradicional se encontra em *Niketche, uma história de poligamia* (2002). Nele Rami, uma mulher assimilada, católica, casada há 20 anos, descobre a traição do marido, mas ao investigar mais detalhes da infidelidade conjugal acaba por descobrir não uma, mas cinco amantes. Indignada com o fato, ela obriga o marido a oficializar o vínculo com essas amantes por meio do ritual tradicional do *lobolo*. Assume, assim, a função da primeira esposa – *nkosikasi* – cuja tarefa é administrar as demais. A autora traz para a narrativa um aspecto contemporâneo da sociedade representado no fato de muitos homens moçambicanos estarem retomando abertamente a prática da poligamia e aproveita para fazer uma discussão sobre o ritual do *lobolo* e uma incursão por diversos aspectos da tradição que marcou a sociedade moçambicana.

Para a narradora:

Filhos nascido de um casamento sem lobolo não têm pátria. Não podem herdar a terra do pai, muito menos a da mãe. Filhos ficam com o apelido materno. Há homens que lobolam as suas esposas depois de mortas, só para lhes poderem dar um funeral condigno. Há homens que lobolaram os filhos e os netos já crescidos, só para lhes poder deixar herança. Mulher não lobolada não tem pátria. É de tal maneira rejeitada que não pode pisar o chão paterno nem mesmo depois de morta. (p.48/49)

Para entender a situação que está vivendo, Rami sai em busca de conhecimento junto à outras mulheres, principalmente membros mais velhos da família, como a mãe e as tias, além da sogra. O primeiro depoimento é colhido junto a uma tia entregue pelo pai em pagamento de uma dívida a um rei. Sua postura é de aceitação da condição de vigésima quinta esposa, afirmando: “a vida é uma eterna partilha” (p.72), e ainda, que muitas vezes a mulher é quem era partilhada: “quando o marido é estéril e precisa colher o sêmen de um irmão” (p.72). Tia Maria coloca a relação entre as diferentes mulheres como uma relação de família:

No nosso mundo não havia haréns – explica ela – Eram famílias verdadeiras, onde havia democracia social. Cada mulher tinha sua casa, seus filhos, suas propriedades. (p.73)



10

De forma semelhante, a sogra faz discurso de defesa da poligamia e campanha para que as esposas sejam loboladas e a família cresça dentro das tradições africanas. Comemora a exposição do comportamento poligâmico do filho perante os conhecidos que Rami fizera e afirma: “Os antepassados guiaram teus passos para a reunião da grande família, no grande dia” (p.114). E, finalmente, se insurge contra o irmão padre:

Como podes condenar a poligamia que te trouxe ao mundo? Afasta tua má influência do meu filho. Deixa-o em paz com suas esposas e filhos, nós africanos somos felizes assim. Todas aquelas mulheres devem ser loboladas. (124)

Realizados os lobolos com as cinco esposas de Toni, a sogra faz a primeira reunião do “parlamento conjugal” dando orientações sobre “o amor polígamo” e sobre todos os cuidados que devem ser dispensados ao homem. Rami é a primeira esposa, o pilar da família, deve ser obedecida, podendo castigar as outras e tem como obrigação fazer a escala conjugal (p. 125).

A partir desta cena a relação com o resto da família se transforma, todas as questões passam a ser resolvidas no coletivo como, por exemplo, no capítulo em que o Conselho de Família protesta contra o tratamento dado a Toni pelas mulheres, principalmente por não estarem sendo servidos a ele “os melhores nacos de carne” e reclamando, até, da industrialização do alimento – “esse matadouros são um atentado aos nossos costumes” (p. 153). Frente à suposta morte de Toni (p.199), a primeira reação da família será acusar Rami de feitiçaria e responsabilizá-la por aquele desaparecimento (p.210). Mas é no *kutchinga* (cerimônia que transfere a viúva para a posse do cunhado) que a intervenção da tradição familiar se apresenta de maneira mais evidente. Nesta cerimônia Rami, seguindo a tradição, deve casar-se com o cunhado Levy que irá assumir a família dela (p. 220).

Completa-se assim o ciclo do casamento poligâmico, constituído por práticas que apesar de transformadas e adaptadas são, até hoje, adotadas em Moçambique e requeridas como forma de assegurar assistência para mulheres e crianças. Desenvolvendo sua narrativa entre uma defesa feminista e uma disposição de descrever aspectos cotidianos da sociedade, Chiziane traz para a narrativa a permanência de uma estrutura familiar onde prevalece a vontade coletiva sobre a individual, onde o conflito coexiste com o auxílio e com a colaboração e, como já foi observado nos romances de



11

Mia Couto, onde as faltas vão sendo esquecidas dando origem ao aparecimento de termos de convivência. Assim, podemos afirmar que essas práticas significam formas de ainda oferecer alguma proteção para os indivíduos que têm na família um espaço de segurança.

A dinâmica dessa família alargada que ainda mantém laços estreitos entre seus membros, interferindo e se imiscuindo na vida de cada um, é tratada pelos dois autores com um tom de comicidade. Por outro lado, as tentativas de manipulação de seus membros ou exploração da rede familiar em benefício próprio – caso dos tios Casuarino e Últmio – é ironizada. Esses laços familiares são apresentados como formas mais eficientes de resistência a um processo modernizador que tem provocado a destruição de instituições, que durante séculos, sustentaram as comunidades. Constituem, finalmente, um espaço de autonomia e de escolhas que se desenvolve à margem de regras e decisões de natureza estatal, muitas vezes exercendo forte resistência frente às orientações governamentais.

Acredito que o registro literário foi capaz de captar características muito particulares da sociedade moçambicana, oferecendo instrumentos importantes para pensar as resistências e as adequações que ocorrem em diferentes contextos, bem como as possibilidades de transformação que se encontram abertas nessa mesma sociedade.

Referências:

- CHIZIANE, Paulina. *Niketche. Uma História de Poligamia*. Maputo: Ndjira, 2002
- COUTO, Mia. *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*. Maputo: Ndjira, 2002.
- COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Cia das Letras, 2006
- FELICIANO, José Fialho. *Antropologia Econômica dos Thonga do Sul de Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1998 (Estudos 12).
- NEGRÃO, José. *Cem Anos de Economia da Família Rural Camponesa*. Maputo: Promédia, 2001.